



A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor
 Nome: Géssica de Aguiar Lima
 E-mail: gessica.ufpa@gmail.com
 Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil

Submetido: 02/05/2019
 Aprovado: 09/02/2020
 Publicado: 30/04/2020

doi 10.20396/rho.v20i0.8655337
 e-Location: e020015
 ISSN: 1676-2584



Checagem
Antiplágio

Distribuído
Sobre



A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA DE PAPÉIS SOCIAIS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA (2010-2016)

  Géssica de Aguiar Lima¹

  Sinara Almeida da Costa²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a produção científico-acadêmica sobre as brincadeiras de faz de conta de papéis sociais no contexto da educação infantil, especificamente na pré-escola, nos trabalhos publicados no período de 2010 à 2016, nos bancos de dados da Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Grupo de Trabalho “Educação de Criança de 0 a 6 anos (GT07), das Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Com base em princípios da Teoria Histórico Cultural, a priori, foi feita a seleção das pesquisas que trouxeram a brincadeira de faz de conta na temática. Depois, através da leitura minuciosa dos resumos, foram selecionadas as pesquisas que trataram do objeto estudado e que indicaram a importância do meio social para o processo de humanização das crianças. Vinte e cinco trabalhos foram categorizados conforme discussões de temáticas afins. Os resultados revelam que as condições de vida das pessoas interferem no modo como as crianças brincam e percebem o meio social; o professor precisa participar e viabilizar a brincadeira de faz de conta, planejando, enriquecendo os contextos, intervindo e avaliando as crianças no momento do brincar. Além disso, constatou-se serem poucos os registros, em nível nacional, de pesquisas que investiguem o brincar de faz de conta de crianças das cidades da Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeiras de faz de conta. Educação infantil. Teoria histórico cultural.



SOCIAL ROLES MAKE - BELIEVE ACTIVITIES IN THE BRAZILIAN ACADEMIC PRODUCTION (2010-2016)

Abstract

The objective of this research is to investigate the scientific-academic production of social roles make - believe activities in the context of early infantile education, specifically in pre-school, in the works published between 2010 and 2016, in Scientific Eletronic Library Online (SCIELO) databases, Coordination of Improvement of Higher Level Education Personnel (CAPES) and in the Working Group "Education of Children from 0 to 6 years (GT07), of the Annual Meetings of the National Association of Postgraduate and Research in Education (ANPEd). Based on principles of Cultural Historical Theory, a priori, selected the researches that presented the play of pretend in thematic. Subsequently, through the careful reading of the abstracts, the researches that spoke about the object of the investigation were selected and, also, they incited the importance of the social environment for the process of humanization of the children. Twenty-five papers were categorized according to thematic discussions. The results show that people's living conditions interfere with the way children play and perceive the social environment; the teacher needs to participate and make - believe activities, planning, enriching the contexts, intervening and evaluating the children at the moment of play. In addition, there were few records at the national level of research investigating the make-believe activities children of the cities of the Amazon.

Keywords: Make-believe activities. Infantile education. Cultural historical theory.

LO JUEGO DE HACER DE CUENTA DE PAPELES SOCIALES EN LA PRODUCCIÓN ACADÉMICA BRASILEÑA (2010-2016)

Resumen

El objetivo de esta investigación es investigar la producción científico-académica de juego de hacer de cuenta de papeles sociales en el contexto de la educación infantil temprana, especialmente en preescolar, en los trabajos publicados entre 2010 y 2016, en las bases de datos de Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior (CAPES) y en el Grupo de trabajo "Educación de niños de 0 a 6 años (GT07), reuniones anuales de la Asociación Nacional de Estudios de Posgrado e Investigación en Educación (ANPEd). Con base en principios de la Teoría Histórico Cultural, primero, se hizo la selección de las investigaciones que trajeron la broma de hacer de cuenta en la temática. Después, a través de la lectura minuciosa de los resúmenes, se seleccionaron las investigaciones que trataron del objeto estudiado y que indicaron la importancia del medio social para el proceso de humanización de los niños. Veinte y cinco trabajos fueron categorizados según discusiones de temáticas afines. Los resultados revelan que las condiciones de vida de las personas interfieren en la forma en que los niños juegan y perciben el medio social; el profesor necesita participar y viabilizar lo juego de hacer de cuenta, planeando, enriqueciendo los contextos, interviniendo y evaluando a los niños en el momento del juego. Además, se constató que son pocos los registros a nivel nacional de investigaciones que investiguen el juego de hacer de cuenta de niños de las ciudades de la Amazonia.

Palabras clave: Juego de hacer de cuenta. Educación infantil temprana. Teoría cultural histórica.



INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa artigos, teses e dissertações que discutem sobre as brincadeiras de faz de conta, na pré-escola, norteadas pelos estudos de Vigotski (1995/2000a, 2008, 2009) em alusão à Teoria Histórico-Cultural. O levantamento bibliográfico dos trabalhos foi realizado nos bancos de dados de abrangência a nível nacional: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o intuito específico de mapear as pesquisas recentes sobre a brincadeira de faz de conta de papéis sociais, subsidiando a pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado cuja questão norteadora foi: compreender de forma a brincadeira de faz de conta de papéis sociais contribui no desenvolvimento da personalidade das crianças da pré-escola.

Essa produção é, portanto, um recorte do levantamento bibliográfico da pesquisa de mestrado supracitada, iniciada no ano de 2016. O tempo delimitado – 2010 a 2016 - para o levantamento dos trabalhos foi escolhido, respectivamente, em decorrência da instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, fixadas em 17 de dezembro de 2009 e ao ano inicial do mestrado.

O objeto de estudo da pesquisa mais ampla foi a atividade que mais possibilita o desenvolvimento das crianças na pré-escola segundo a Teoria Histórico-Cultural: a brincadeira de faz de conta de papéis sociais. Um direito cotidiano das crianças, constituindo-se, junto às interações, como um dos eixos norteadores das práticas pedagógicas da primeira etapa da educação básica.

Para Vigotski (2010) a brincadeira de faz de conta é a atividade que mais possibilita o desenvolvimento infantil, pela necessidade da criança de “[...] agir como um adulto [...], de agir da maneira que ela vê os outros agirem, da maneira que lhe disseram, e assim por diante.” (LEONTIEV, 2006a, p. 125). O que a coloca numa Zona de Desenvolvimento Iminente³ (ZDI), além de seu nível de desenvolvimento real. Destarte, no intuito de investigar o que dizem as pesquisas em âmbito nacional sobre o objeto investigado, após a discussão metodológica - caminhos da pesquisa - a análise dos trabalhos foi organizada da seguinte forma: Brincadeiras de faz de conta versus ensino mecanicista; As brincadeiras de faz de conta de papéis sociais de crianças hospitalizadas, surdas e autistas; Amazônia: pesquisas sobre a brincadeira de faz de conta.

CAMINHOS DA PESQUISA

O levantamento das pesquisas (2010-2016) sobre a brincadeira de faz de conta de papéis sociais advém de consultas aos seguintes banco de dados: **ANPEd**, em links relacionados à categoria “trabalhos” do GT07, denominada “Educação das crianças de 0 a 6 anos”, publicados em encontros de nível nacional, correspondentes aos anos de 2010, 2011, 2012, 2013 e 2015;



CAPEs (portal de periódicos CAPEs/MEC), com resultados refinados para a área de concentração: educação; educação brasileira, do programa de educação; **SciELO**, em que foram aplicados os filtros: Coleções: Brasil; Idioma: Português; Ano de publicação: 2010 à 2016; Áreas temáticas: Ciências Humanas.

A escolha destes bancos de dados se justifica pelo fato de permitirem um mapeamento de pesquisas em âmbito nacional, possibilitando conhecer como essa brincadeira se manifesta em diferentes realidades sociais, em especial no contexto amazônico.

As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: brincadeira (as); faz de conta; jogos⁴ de papéis; jogo (os); histórico-cultural; pré-escola; educação infantil. Utilizadas separadamente (busca simples) ou de forma conjunta, separadas por ponto e vírgula (busca avançada). Destas, algumas pesquisas apareceram repetidas vezes. As palavras que mais apresentaram resultados relacionados a este estudo foram: brincadeira (as); histórico-cultural; jogo (os).

Tendo em vista que o objeto de estudo (brincadeiras de faz de conta de papéis sociais) é caracterizado como a atividade guia do desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar (VIGOSTKI, 2008) utilizou-se os seguintes critérios para a seleção dos trabalhos: 1. Pesquisas realizadas na pré-escola; 2. Pesquisas que trouxessem no resumo aspectos relacionados à brincadeira de faz de conta (representação de papéis sociais; relação professor-criança durante a brincadeira de faz de conta; jogos; imaginação etc.).

Foi feita a leitura criteriosa dos resumos dos artigos, teses e dissertações, cujos títulos indicaram alguma relação com o objeto de estudo da pesquisa a qual se articula. Primeiramente, efetivou-se um levantamento preliminar – pesquisas que apresentaram a brincadeira de faz de conta. Depois, selecionou-se aquelas cujos sujeitos pesquisados fossem da pré-escola. Por fim, buscou-se identificar as que apresentaram a importância do meio, do social, da cultura para o desenvolvimento das crianças.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, apresentam as brincadeiras e interações como os eixos norteadores das práticas educativas. (BRASIL, 2009). Instituída no final do ano de 2009, orienta o trabalho dos professores e demais envolvidos no processo educativo, expondo experiências as quais as crianças da creche e da pré-escola podem vivenciar. Com base nisso, este levantamento compreende que as pesquisas desenvolvidas pós-instituição dessas Diretrizes tendem a evidenciar os progressos e desafios para a efetivação do que é proposto nelas às instituições de educação infantil.

As pesquisas citadas no decorrer do texto apresentam traços da Teoria Histórico-Cultural. Algumas de forma explícita, outras, embora não se definam como aderentes à teoria, mostram a brincadeira de faz de conta como uma forma das crianças apresentarem as significações que fazem do meio social.

Para Vigotski (1995/2000b), o método de pesquisa deve ser adequado ao objeto que se estuda, conferindo liberdade e criatividade ao pesquisador em sua elaboração e a busca pelo



método adequado é uma das tarefas de maior importância para a investigação. Segundo esse teórico (VIGOTSKI, 1997, p. 373, tradução nossa),

[...] o correto seria denominar a análise de método experimental. Na verdade, quando realizo um experimento, estudo A, B, C..., isto é, uma série de fenômenos concretos, e distribuo as conclusões atribuindo-as a diversos grupos: a todas as pessoas, às crianças em idade escolar, à atividade etc. A análise é o que oferece o volume de propagação das conclusões, isto é, o fato de destacar em A, B, C, os traços comuns ao grupo em questão.

Nesse sentido, entende Vigotski (1995/2000b) que uma categoria deve possuir elementos que tenham algo em comum. Ao estudar a atividade mediadora, por exemplo, identificou o signo e a ferramenta como possuidores de função mediadora comum e, por isso, justificou que ambas pertenciam à mesma categoria, como “[...] conceitos subordinados de um conceito mais geral: a atividade mediadora.” (VIGOTSKI, 1995/2000b, p. 93, tradução nossa).

Desse modo, o destaque das categorias assinaladas a seguir demonstra um panorama do que dizem as pesquisas brasileiras sobre a brincadeira de faz de conta de papéis sociais, categorizadas conforme problemáticas e resultados comuns, sendo: Brincadeiras de faz de conta versus ensino mecanicista; As brincadeiras de faz de conta de papéis sociais de crianças hospitalizadas, surdas e autistas; Amazônia: pesquisas sobre a brincadeira de faz de conta.

BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA VERSUS ENSINO MECANICISTA

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, regida por Leis e Diretrizes que sustentam os direitos infantis. Dentre esses direitos destacam-se: a brincadeira, um ambiente acolhedor, seguro e estimulante e espaços amplos que possibilitem o movimento (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009). Todavia, reconhecer esses direitos não é suficiente, faz-se necessário pô-los em prática.

Na atualidade as propostas de educação infantil têm reconhecido a brincadeira como um fator importante para o desenvolvimento das crianças. No entanto, a forma como as práticas educativas tem se consolidado revela que o brincar não é caracterizado como uma atividade, em que motivo e objetivo pela qual ela se realiza convergem (LEONTIEV, 2006a), apresenta-se, todavia, como uma ação, o brincar é resultado do cumprimento de tarefas e regras, muitas vezes impostas às crianças. Brinca-se se der tempo, se as atividades escritas forem efetivadas ou se para ensinar determinado conteúdo.

Diante disso, brincar de faz de conta na pré-escola precisa ocupar um lugar de destaque na prática pedagógica, por ser a atividade principal, ou guia, do desenvolvimento da criança pequena.

Chamamos de atividade principal aquela em conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento. (LEONTIEV, 2006a, p. 122).



Dentro da atividade principal da criança estão as ações, que se diferem porque, respectivamente, uma se fundamenta enquanto motivo e processo dirigido a um mesmo fim, enquanto na outra, motivo e objetivo do processo não convergem. O objetivo está na atividade da qual a ação faz parte. Assim, “[...] por atividade, designamos os processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige (seu objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar esta atividade, isto é, o motivo.” (LEONTIEV, 2006b, p. 68).

Distinguimos o processo que chamamos de ação da atividade. Um ato ou ação é um processo cujo motivo não coincide com o seu objetivo, (isto é, com aquilo para o qual ele se dirige), mas reside na atividade da qual ele faz parte. (LEONTIEV, 2006b, p. 69).

Apesar dessa ambiguidade, uma faz parte do processo da outra, em que as ações fazem surgir novas possibilidades de atividade. Isso ocorre quando o motivo que levou à realização de uma atividade dá lugar ao objetivo (alvo) da ação. A criança brinca por brincar, no entanto, nas ações realizadas na brincadeira, constituem objetivos que não são os mesmos que motivaram a brincadeira. Logo, o que era ação pode se transformar em nova atividade, pelo surgimento de novas necessidades, novos motivos. (LEONTIEV, 2006b).

As ações são realizadas por operações, estas são entendidas como conteúdo de um ato, podendo se efetivar de diferentes modos.

Uma operação é o conteúdo necessário de qualquer ação, mas não é idêntico a ela. Uma mesma ação pode ser efetuada por diferentes operações e, inversamente, numa mesma operação podem-se, às vezes, realizar diferentes ações: isto ocorre porque uma operação depende das condições em que o alvo da ação é dado, enquanto uma ação é determinada pelo alvo. (LEONTIEV, 2006b, p. 74).

Eis a importância de um ambiente organizado, que disponha de diferentes objetos culturais: as condições que são apresentadas às crianças são determinantes para que operem de diversas maneiras e ampliem os conteúdos do brincar.

A observação desses três aspectos da brincadeira de faz de conta de papéis sociais revela que “[...] a situação imaginária nasce da discrepância entre a operação e a ação.” (LEONTIEV, 2006a, p. 127). Ou seja, a criança sente a necessidade de executar ações e operações que nem sempre são condizentes com sua realidade física. Surge, então, a situação lúdica imaginária da atividade, que possibilita a reprodução criativa das atividades dos mais experientes na execução da atividade principal da criança.

Pode-se discernir, com essa explanação, que na brincadeira a criança instiga seu desenvolvimento a fim de alcançar níveis ainda maiores. Logo, elas têm contato com experiências além de sua zona de desenvolvimento iminente.

O brincar tem caráter livre. Isto se explica pelo fato de que os motivos que levam a criança a realizar determinada atividade não necessitam ser apresentados como um produto. A



relevância dessa atividade consiste no processo. Brincar de faz de conta, além de ser uma atividade em si (a criança brinca porque sente a necessidade de brincar), é a forma pela qual ela representa criativamente o ser humano e suas relações.

Leontiev (2006b), ao explicitar o conceito de atividade, ação e operação, mostrou que as atividades do ser humano se desenvolvem de forma dinâmica, não estáticas. Hora subordinam-se à outra ou se convertem em algo mais complexo. As operações transformam-se em ações, ações transformam-se em atividade, atividades transformam-se em ações. A brincadeira de faz de conta perpassa por esse processo, como apresenta-se a seguir.

O estudo bibliográfico da teoria do jogo de Elkonin e a educação infantil, realizado por Marcolino, Barros e Mello (2014), apresenta o jogo protagonizado (faz de conta de papéis sociais) como a atividade que mais promove o desenvolvimento infantil. Baseadas nos estudos de Elkonin sobre o jogo protagonizado, evidenciam a complexidade da brincadeira de faz de conta, descrevendo o possível curso do seu desenvolvimento. Agrupam-no em duas fases fundamentais. A primeira (3 a 5 anos) corresponde ao primeiro e segundo níveis, os quais tem em comum o conteúdo: ações objetais, de orientação social. E a segunda (5 a 7 anos) corresponde ao terceiro e quarto níveis, cujo conteúdo da brincadeira reflete as relações sociais reais estabelecidas entre as pessoas e o sentido social de sua atividade. Destaca, contudo, que essa atividade não exclui a promoção de outras atividades no contexto escolar, tão pouco é aquela em que, necessariamente, a criança brinca a maior parte do tempo.

O jogo proporciona o desenvolvimento das mais importantes transformações do período, mas é incorreto “universalizar a importância do jogo para o desenvolvimento psíquico” (Elkonin, 2009, p. 399). As atividades criativas e de expressão, o conhecimento de fenômenos da natureza, situações envolvendo a sociedade deste e de outros tempos e pessoas deste e de outros lugares, a apreciação estética, assim como a convivência com a cultura escrita que forma nas crianças uma atitude leitora e produtora de textos, têm grande importância para o desenvolvimento infantil e não devem perder espaço para o jogo protagonizado. Na verdade, tais atividades enriquecem também a atividade-guia, pois criam condições para que as crianças conheçam mais sobre o mundo. (MARCOLINO; BARROS; MELLO, 2014, p. 103).

Diante disso, a ideia de oposição entre a brincadeira de faz de conta de papéis sociais e o modelo educativo tradicional - mecanicista e pragmático, proposta nesta categoria, discute acerca da equivocada utilização das brincadeiras lúdicas e da imposição de atividades condicionantes: cópias e memorização das letras do alfabeto, números, cores etc., que pouco contribuem para o desenvolvimento das qualidades humanas ou impedem o enriquecimento e promoção da atividade guia do desenvolvimento das crianças da pré-escola. (MACÊDO, 2014; SANTOS, 2014; SILVA, 2013).

Silva (2010), frente às práticas educativas brasileiras que utilizam a brincadeira com fins utilitaristas, desenvolveu um estudo sobre o jogo na educação infantil de Cuba. Baseado na teoria histórico-cultural de Vigotski e seus seguidores, objetivou estudar o jogo (principalmente o de papéis), atividade guia do desenvolvimento da criança pequena, bem como os conceitos de



mediação, de zona de desenvolvimento proximal⁵ e de atividade principal. Através de uma investigação de abordagem qualitativa, pautada na pesquisa bibliográfica acerca da teoria histórico-cultural, juntamente com a análise de documentos publicados oficialmente pelo Ministério da Educação e da legislação cubana, o autor chegou aos seguintes resultados: o lugar que o jogo ocupa no sistema de educação pré-escolar cubano confirma que ele é uma das principais atividades para o desenvolvimento das crianças da educação infantil, principalmente o jogo de papéis; os documentos analisados destacam que há a compreensão de que o desenvolvimento das capacidades psíquicas superiores se dá, na infância, mediante as interações sociais que são estabelecidas desde o nascimento das crianças, relações estas, mediadas com outros homens.

Em paralelo à realidade cubana, a ordem social capitalista brasileira corrobora a efetivação do modelo tradicional predominante nas instituições de educação infantil brasileiras. Desde a mais tenra idade, a criança é imersa num contexto conflituoso, em que ao mesmo tempo que busca a emancipação é condicionada mediante as vontades da hegemonia. De encontro a isso, a educação do ser humano requer a compreensão de um desenvolvimento dialético, em que sua particularidade é constituída no meio social que é, constantemente, modificado pelo ser humano. A educação, nessa perspectiva, precisa primar pelo desenvolvimento das potencialidades humanas, as capacidades psíquicas superiores desenvolvidas do decorrer da história e na cultura.

A brincadeira de faz de conta possui uma complexa relação com o desenvolvimento das qualidades tipicamente humanas, como a imaginação, o controle da vontade, a fala, a função simbólica da consciência, a escrita, o cálculo etc. (VIGOTSKI, 1995/2000a, 2009), radicadas nas relações sociais, sendo a base de um desenvolvimento posterior.

Segundo Vigotski (1995/2000a) elas podem ser observadas em dois grupos, apesar de se relacionarem de forma complexa e indissolúvel:

O primeiro grupo é composto pelos processos de domínio do meio externo do desenvolvimento cultural e do pensamento, são: a linguagem (fala), a escrita, o cálculo e o desenho, dentre outras. O segundo grupo, é composto pelos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, as quais não são limitadas nem determinadas com exatidão. São aquelas com as quais o ser humano nasce enquanto possibilidades: atenção voluntária, memória, lógica, formação de conceitos etc. Ambos os grupos são chamados de processo de desenvolvimento das formas superiores da conduta da criança. (VIGOTSKI, 1995/2000a, p.29, tradução nossa)

O levantamento desta pesquisa evidencia que, dentre essas capacidades a imaginação, o controle da vontade, o pensamento abstrato a linguagem etc. podem ser desenvolvidas por meio da brincadeira de faz de conta, bem como a autonomia e individuação. (ROMANELLI, 2011; MOREIRA, 2014; DUARTE, 2015; VARGAS, 2015). No entanto, o foco no ensino descontextualizado e pragmático tem impossibilitado momentos da rotina à realização da



atividade guia do desenvolvimento das crianças pré-escolares, a brincadeira de faz de conta. (LIMA; RODRIGUES, 2016).

Essa brincadeira apresenta a forma como as crianças percebem o meio em que vivem, ao assumirem papéis sociais, representando-os criativamente. Maynard e Haddad (2012) e Cordeiro (2013) evidenciam a influência dos contextos imediatos das crianças nas brincadeiras de faz de conta. Indicam que a criança assume papéis presentes nas relações familiares, representando-os, tais como: mãe, pai, tio, tia, avó, avô etc. Rivero (2015), por sua vez, enfatiza que há uma correlação existente entre a cultura local e a ampla – sendo, a segunda, a cultura midiática e as diferentes relações estabelecidas entre crianças de realidades distintas. Assim, durante as brincadeiras de faz de conta, o contexto familiar, escolar e demais elementos sociais e culturais são representados.

Conceição (2010), destaca que as crianças que vivem em contextos de vulnerabilidade social, desenvolvem sua criatividade utilizando os objetos que tem à sua disposição, Santos e Dias (2010) corroboram a ideia, constatando que apesar de diminuída a disponibilidade de brinquedos estruturados às crianças pobres, estas não têm sua capacidade de simbolização diminuída. Assim, a ausência de contextos educativos ricos, diversificados não impossibilita a realização da brincadeira de faz de conta, pois as crianças sentem a necessidade de brincar e criam diferentes maneiras de realizar essa vontade. Contudo, demais pesquisas revelam que é importante a presença de ambientes organizados e instigantes que possibilitem a ampliação do repertório de conteúdos e temas das brincadeiras. (MARQUES; SPERB, 2013; BRAGAGNOLO; RIVERO; WAGNER, 2013; MARCOLINO; MELLO, 2015).

As pesquisas supracitadas mostram que diante da impossibilidade de efetivação de seus anseios, as crianças utilizam-se da imaginação para saciá-los, com ou sem espaços organizados pela escola, com ou sem materiais diversificados, pois “[...] uma necessidade de agir como um adulto surge na criança, isto é, de agir da maneira que ela vê os outros agirem, da maneira que lhe disseram, e assim por diante.” (LEONTIEV, 2006a, p. 125). Diante dessa necessidade e de sua impossibilidade de consumação, decorrente de suas limitações físicas, entre outras, o faz-de-conta é a forma pela qual a criança realiza essa vontade.

A esse respeito, Vigotski (2008, p. 33) explica que,

Na idade pré-escolar, pela primeira vez, surge uma estrutura de ação em que o sentido constitui-se em determinante; porém, a própria ação não é secundária, um momento submisso, mas um momento estrutural. [...]. A criança não simboliza na brincadeira, mas deseja, realiza vontades, vivencia as principais categorias da atividade. Por isso, numa brincadeira, um dia transcorre em meia-hora e 100 quilômetros são percorridos com cinco passos. Ao desejar, a criança realiza; ao pensar, age; a não separação entre a ação interna e a ação externa é a imaginação, a compreensão e a vontade, ou seja, processos internos numa ação externa.

A brincadeira é atividade que atende as necessidades infantis e permite a criança desenvolver suas capacidades psíquicas superiores, tipicamente humanas. A memória e a



imaginação são duas delas e tendem a se desenvolver na idade pré-escolar, à medida que a criança passa a realizar de forma ilusória e imaginária os seus desejos irrealizáveis. A segunda está diretamente relacionada à capacidade dos seres humanos de criar. Desde pequenas as pessoas podem desenvolver essa capacidade, pois “[...] o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça um grãozinho, se comparado às obras dos gênios.” (VIGOTSKI, 2009, p. 15-16).

Vigotski (2009) explica que a base da capacidade criadora é a imaginação, sem a qual seria impossível a criação artística, científica e técnica. Dessa maneira, a cultura, ou seja, tudo o que compõe a humanidade, é “[...] produto da imaginação e da criação humana” e os objetos produzidos ao longo da história são a própria “*imaginação cristalizada*” (VIGOTSKI, 2009, p. 14-15, grifo do autor). Explicita, também, que desde a mais tenra infância há manifestações dessa capacidade criadora. A brincadeira, atividade socialmente desenvolvida, é a forma mais evidente dela.

Apesar das evidências teóricas contatadas nas pesquisas de que a brincadeira é uma necessidade da criança, que possibilita o desenvolvimento de funções psíquicas superiores e da personalidade, brincar de faz de conta ainda se apresenta como atividade de segundo plano e como mecanismo de escape à um ensino que não prima pela liberdade da brincadeira, como apresenta-se a seguir.

Santos (2014), investigou sobre trabalhos publicados na Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Educação (ANPEd), cujas temáticas estavam voltadas para o brincar, os brinquedos, as brincadeiras e a brinquedoteca. Essa pesquisa bibliográfica e documental, analisou o conteúdo dos trabalhos do GT07 (Educação de crianças de 0 a 6 anos), chegando aos seguintes resultados: Os trabalhos revelam que a concepção dos pesquisadores está permeada pela ideia de que as crianças têm por direito as brincadeiras e interações, mas, apesar da brincadeira ser um direito das crianças, esta não é garantida. De acordo com as observações dos trabalhos analisados há a predominância de um modelo de ensino autoritário e disciplinador. Mediante isto, as crianças tentam encontrar mecanismos de escape a este modelo, inventando modos de brincar. Assim, percebe-se que, embora a brincadeira não seja planejada e possibilitada pelo professor, as crianças sentem a necessidade de promovê-la.

As observações participantes e os registros (diários de campo e fotografias) das rotinas de crianças realizadas por Duarte (2015), buscaram identificar, descrever, analisar e refletir sobre como as relações criança-criança e criança-professora nas brincadeiras contribuem ou não para a construção das identidades e autonomia das crianças. Os resultados revelam que: nas relações criança-criança, elas assimilam e interpretam papéis compartilhando conhecimentos sobre os gêneros feminino e masculino ao construir suas identidades; organizam regras, escolhem brinquedos e brincadeiras, bem como seus parceiros. Quanto as relações criança-professora, a pesquisa demonstra que as professoras investigadas assumiram uma postura positiva, incentivando a construção da autonomia das crianças.



Comparando a pesquisa de Duarte (2015) com a de Santos (2014), percebe-se que a postura do professor frente às crianças, reconhecendo-as como sujeitos de direitos, com gostos, vontades e necessidades, abre a possibilidade de serem desenvolvidas práticas educativas significativas na escola, valorizando a brincadeira, o movimento e a liberdade da criança, de modo a contribuir na formação da personalidade e de valores da mesma.

Em consonância com essa reflexão, os resultados da pesquisa realizada por Piccolo (2011) mostram a importância do processo de mediação, apontando a existência de manifestações preconceituosas no momento da brincadeira de faz de conta (gênero, raça e beleza). O autor destaca ser necessário a observação atenta do professor sobre as brincadeiras, identificando tais manifestações, contestando-as, em respeito às diferenças existentes na sociedade.

Diante dessa exposição, pensar na brincadeira de faz de conta no contexto escolar coloca o professor como “organizador do meio social educativo” (TEIXEIRA; BARCA, 2017), pessoa mais experiente que irá criar condições, junto às crianças, para que o brincar e elas se desenvolvam.

Organizar o meio para o desenvolvimento do brincar de faz de conta na escola, portanto, requer um profissional preparado para atuar junto com as crianças, promovendo situações de *obutchenie*⁶. Junto às crianças, pois são seres ativos do desenvolvimento e devem participar das decisões.

Compreender que a educação possibilita o desenvolvimento das crianças em direção à humanização, por meio da internalização da cultura em determinado contexto histórico, é o ponto inicial da efetivação dos direitos das crianças, através de uma prática reflexiva, que supere o tradicionalismo, atrelada à concepção de que a infância deve ser vivenciada em respeito aos direitos, vontades, vozes, gostos e saberes das crianças.

AS BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA DE PAPÉIS SOCIAIS DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS, SURDAS E AUTISTAS

Os resultados das pesquisas apontaram alguns trabalhos realizados com crianças em idade pré-escolar em espaços não escolares (hospitais) e o processo de inclusão de pessoas com deficiências no ambiente escolar, demonstrando como as crianças - em tratamento hospitalar, com deficiência auditiva ou autismo - brincam de faz de conta.

Garcia-Schinzari (2014) realizou um estudo com o objetivo de analisar o brincar de faz de conta de crianças pré-escolares (4 a 7 anos) com câncer de um hospital do interior de São Paulo. Esta pesquisa, de cunho descritivo e exploratório, utilizou da aplicação do ChiPPA-Avaliação do Faz de Conta Iniciado pela Criança. Esse instrumento foi aplicado atento às observações do contexto geral e clínico das crianças. Também foi feita a análise do conteúdo das falas das mesmas durante o brincar. Conforme os resultados da pesquisa, todas as crianças



apresentaram iniciativa durante o brincar, realizando ideias do faz de conta antes de algumas ações serem demonstradas; 85% trouxeram temas adequados para sua faixa etária; 85% envolveram-se emocionalmente com a pesquisadora (vinculação); 90% utilizaram uma boneca como participante ativa da brincadeira; 65% apresentaram uma narrativa nas suas sessões; 25% fizeram referência a objetos ausentes e 20% às características dos personagens; 85% demonstraram comprometimento e envolvimento com a brincadeira; 50% não se deslocaram durante a brincadeira; 70% trouxeram temas evidentes nas duas sessões; e 60% mostraram-se bem organizadas, não necessitando de modelos para organizar ações no brincar. Foi identificado um déficit no brincar simbólico de 45% das crianças, com isso supõe-se que o afastamento de determinados contextos sociais pode influenciar negativamente no brincar de faz de conta, devido a menor interação social das crianças. Os dados qualitativos comprovam que o brincar de faz de conta permite que as crianças expressem sobre suas condições de vida, sobre o meio e as relações nele estabelecidas. Assim, durante a brincadeira surgiram temas voltados para o tratamento da doença (transplante, quimioterapia e seus efeitos colaterais, contextos em que o tratamento ocorre, procedimentos médicos de enfermagem), para os sentimentos e comportamentos provenientes ou não do adoecimento (morte e conteúdos violentos e/ou agressivos), surgiram também temas voltados para as vivências saudáveis das crianças (escola, família/ ambiente familiar e brincar/ atividades lúdicas/distração/lazer).

Elkonin (2009) define que os conteúdos das brincadeiras advêm das relações homem-homem. Já os temas destas podem variar conforme a configuração concreta da realidade na qual acontecem. Logo, as condições econômicas, sociais, históricas, enfim, as possibilidades de vida, definem as temáticas das brincadeiras em que as crianças assumem papéis.

O conteúdo do papel assumido na brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais, ou seja, as formas de execução, as ações com os objetos e pessoas dependem do conhecimento que a criança tem da realidade circundante. A exemplo, uma criança ao assumir o papel de um médico sem sequer ter ido a uma consulta não consegue levar a brincadeira adiante (perceber a função social dos objetos e estabelecer relações com os pacientes, enfermeiras). Outra que tenha essa experiência de diferentes maneiras terá mais conteúdo para o brincar de papéis, podendo desenvolvê-lo.

Para representar determinado papel numa situação imaginária há envolvimento da criança com as regras sociais. Na brincadeira, o papel assumido possui argumento, ou seja, conduta social a ser seguida para melhor representá-lo. Essa conduta é regida pelas regras do contexto percebidas pela criança.

Alves (2015) evidenciou o contexto não escolar. Realizada em classes hospitalares e no espaço da biblioteca de um hospital, a pesquisa de abordagem qualitativa do tipo etnográfica, utilizou como ferramenta de obtenção de dados: entrevista semiestruturada, observação participante e análise documental. Teve como objetivo compreender o papel do jogo, como elemento mediador nos processos de aprendizagem de crianças com idades entre 5 e 11 anos.



A brincadeira de faz de conta foi mencionada como uma atividade livre que permite à criança vivenciar papéis sociais, construir conceitos sobre si e sobre o mundo, desenvolver sua personalidade e compreender a cultura na qual está inserida. Segundo a autora, se comparada, a classe hospitalar estudada dispunha de um ambiente mais amplo que salas de aula escolares e a interação e aprendizado das crianças se estendia à demais ambientes do local. A brinquedoteca, por exemplo, mostrou-se como um espaço em que o jogo foi mediador de diversos processos de aprendizagem, envolvendo regras e interações. As crianças vivenciaram, no jogo, situações de enfrentamento à doença e à hospitalização.

Esse estudo aponta que um ambiente enriquecido com objetos diversificados, como a brinquedoteca, cria possibilidades para o desenvolvimento da brincadeira de faz de conta.

Mukhina (1995, p. 109) explica que, ao assimilar a utilização dos objetos cotidianos, a criança compreende ao mesmo tempo as regras de comportamento social. Ao estudar a atividade objetal divide seu desenvolvimento em três fases: “1ª fase: uso indiscriminado do objeto; 2ª fase: uso do objeto apenas para sua função direta; 3ª fase: uso livre do objeto, mas consciente de sua missão específica”. Essas fases enunciam o desenvolvimento da função simbólica do psiquismo humano. Ao atribuir outro sentido a um objeto, além da sua função social real, a criança age por meio da imaginação, adentrando no universo da brincadeira que mais promove seu desenvolvimento.

Por compreender que a brincadeira se desenvolve à medida que a criança conhece a realidade circundante (universal e particular/tradicional) e que a personalidade se desenvolve quando as pessoas conhecem os elementos culturais universais e, a partir desse conhecimento, desenvolvem sua autoconsciência, percebendo os diferentes modos de produzir e ser produzido culturalmente, os dados desta pesquisa foram fundamentais à pesquisa mais ampla (dissertação). Pois, percebeu-se a necessidade de inserção de objetos diversificados no lócus do estudo, no intuito de criar possibilidades de desenvolvimento da brincadeira de faz de conta. No período exploratório da pesquisa de mestrado os temas das brincadeiras das crianças expressavam argumentos do contexto doméstico. Com a inserção de objetos diversificados (tradicional/regionais e brinquedos) as crianças puderam conhecer a realidade além da sua cotidianidade, com outros argumentos e papéis sociais, tais como pescador, agricultor, produtor de farinha, dentista, médico, engenheiro, carpinteiro, babá, policial, marinheiro, veterinário, feirante, professor, personagens de histórias e o que a imaginação instigou representar criativamente na interação com os objetos e pessoas.

A brincadeira de faz de conta também foi identificada em estudos que investigaram crianças surdas e autistas, apresentando a forma como elas percebem o meio social. (SOUZA; SILVA, 2010; BAGAROLLO; RIBEIRO; PANHOCA, 2013). Os resultados, em geral, expressaram que apesar das deficiências as crianças conseguem brincar de faz de conta se dadas as condições necessárias para isso (objetos, ambiente instigante, incentivo e interações favoráveis com os professores e profissionais especializados e demais crianças).



A brincadeira de papéis sociais foi mais destacada na pesquisa com crianças surdas. Com base nos pressupostos da teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano, Souza e Silva (2010) discutiram sobre os modos pelos quais as crianças surdas em idade pré-escolar utilizam os recursos linguísticos na configuração de papéis simbólicos negociados no faz de conta. A pesquisa foi realizada em uma brinquedoteca, com crianças pré-escolares, filmadas nos momentos de brincadeiras. Os resultados mostram que o corpo é um componente linguístico fundamental às crianças surdas, como forma de expressão de significados. As crianças na coreografia da brincadeira (LIBRAS e gestos) definiram os temas e os papéis a serem representados no brincar. Também foi identificada a implementação de regras no processo de construção da brincadeira. (SOUZA; SILVA, 2010).

Quanto às crianças autistas, Bagarollo, Ribeiro e Panhoca (2013), analisaram as peculiaridades do brincar de uma criança com autismo infantil, imersa em ricas experiências com outras crianças, com brinquedos e brincadeiras. Na pesquisa, pautada nos pressupostos da teoria histórico-cultural, foram filmadas sessões de terapia fonoaudiológica de um grupo de crianças autistas. Com foco na análise microgenética do brincar de uma delas, percebe-se que apesar dos processos imaginativos das crianças autistas serem desenvolvidos de forma lenta, elas conseguem perceber as sequências de ações do grupo social e o uso cultural dos brinquedos. A evolução da brincadeira (interações com os objetos para o faz de conta) pode ocorrer se houver intervenções do terapeuta ou professor, atribuindo significações as ações das crianças, de modo que ela apreenda a cultura e a internalize.

Com base nas pesquisas, fica evidente que “[...] a cultura da humanidade foi criada, estruturada, com base na condição de uma determinada estabilidade e constância do tipo biológico humano [...]” (VIGOTSKI, 1995/2000a, p. 41, tradução nossa), ou seja, as construções sociais, as relações entre as pessoas, as funções psíquicas superiores, os signos, foram historicamente estruturados segundo o padrão da maioria da sociedade, os ditos “normais”. Infere-se, diante dos dados, que as crianças participantes dos estudos (surdos e autistas) apresentaram dificuldade em desenvolver a brincadeira ao seu nível mais elevado - não assumiram papéis; nem agiram segundo regras sociais seguindo uma sequência lógica de ações (ELKONIN, 2009) - por que a sociedade não se constituiu histórica e culturalmente para elas, com base nas necessidades que manifestam. A dificuldade de possibilitar o desenvolvimento às crianças com deficiência, portanto, está no processo educativo que precisa criar possibilidades diversas para que ele aconteça. O professor, segundo os dados, é quem contribuirá nesse processo, de modo a aproximar a criança da cultura, seus objetos e relações.

AMAZÔNIA: PESQUISAS SOBRE A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA

A brincadeira de faz de conta “[...] é uma experiência coletiva viva da criança, um instrumento absolutamente insubstituível de educação de hábitos e habilidades sociais.”



(VIGOTSKI, 2010, p. 122). Desse modo, é importante a reflexão sobre os significados sociais, expressados pelas crianças na brincadeira de faz de conta e como essa brincadeira tem se efetivado no contexto amazônico.

Teixeira (2013) revela que, apesar das belezas naturais, da riqueza de lendas, da capacidade das crianças da Amazônia criarem objetos para suas brincadeiras a partir dos elementos da natureza, há um contraste desses aspectos com problemas sociais: pobreza, desigualdade, mortalidade infantil, trabalho, prostituição infantil etc. As crianças estão, portanto, dialeticamente expostas à vulnerabilidade social, ao mesmo tempo em que possuem singularidades próprias, valorosas e enriquecedoras da cultura.

No período avaliado nesta pesquisa (2010-2016) foram publicadas 91 pesquisas no GT 07 da ANPEd, destas, apenas duas foram efetivadas no contexto amazônico. Dentre as pesquisas selecionadas no banco de dados da CAPES somente uma estudou a brincadeira de faz de conta concebendo a realidade da Amazônia, especificamente em uma comunidade indígena. No site da Scielo não foram encontrados registros recentes.

O maior número de pesquisas foi localizado na CAPES, sendo que, apenas em 2012 não foram achados registros de pesquisas dentro dos critérios propostos para este levantamento. Por outro lado, o portal da ANPEd, apesar de apresentar menos pesquisas sobre a brincadeira de faz de conta na pré-escola, possui mais investigações sobre o objeto estudado no contexto Amazônico.

Do total de 25 pesquisas selecionadas nesses repositórios, apenas três evidenciaram o faz de conta de crianças amazônicas.

Considerando a extensão territorial da Amazônia, considera-se serem poucos os estudos presentes em bancos de dados de nível nacional que apresentam as vivências e o modo como as crianças desse contexto percebem e representam criativamente os papéis sociais do meio em que vivem. Por outro lado, a caracterização do contexto em que as pesquisas foram realizadas apresenta especificidades que são reveladas no brincar das crianças e na interpretação criativa dos papéis sociais. A presença marcante dos rios, da fauna e da flora; a utilização de recursos da natureza para representar objetos no faz de conta; as diferentes formas de trabalho exercidas pelos adultos (agricultura, pesca) permeiam a brincadeira de faz de conta.

Pinheiro (2015) realizou uma pesquisa com crianças indígenas da tribo Sateré-Mawé, cujo objetivo foi estudar o brincar das crianças, refletindo sobre os sentidos e significados das diferentes manifestações sociais e culturais presentes na formação da criança e seus desdobramentos no processo pedagógico da escola local. Por meio da observação direta e participante, juntamente com técnicas de entrevistas abertas, histórica oral, registros fotográficos, gravação de voz, diário de campo e levantamento de fontes bibliográficas, foi constatado que as vivências, a compreensão, experimentação e construção da formação cultural se fazem presentes no brincar das crianças da tribo, num processo de reelaboração da própria herança cultural, mediante as relações que são estabelecidas interculturalmente. No que se



refere ao brincar de faz de conta, o autor destaca que, em algumas atividades, este se converte em “brincar de fazer coisas de verdade”, pois, em muitas situações as crianças são expostas culturalmente a realizarem alguns afazeres que seriam destinados aos adultos, como o trabalho. Ou seja, cuidar dos irmãos mais novos, lavar roupas etc., são atividades que não podem ser reproduzidas criativamente pelas crianças como uma brincadeira de faz de conta, pois elas o fazem como trabalho. Esta é uma forma de prepará-las para o futuro.

Teixeira (2012) teve como objetivo discutir as formas de mediação dos (as) professores (as) de educação infantil nas brincadeiras de faz de conta, de uma classe pré-escolar ribeirinha da Amazônia. A pesquisa foi realizada no ano de 2005, em uma escola da Ilha do Combu, no município de Belém – Pará, com 16 crianças (dez meninos e seis meninas), com idades entre três a, aproximadamente, quatro anos. Ou seja, no período de transição da interação com os objetos para as brincadeiras de faz de conta. Nessa pesquisa destaca-se a utilização de elementos da natureza (raízes- peixes; palhas de miriti ou açazeiro- cavalos) na brincadeira de faz de conta, em que as crianças atribuem papéis aos objetos, ou os utilizam como auxílio para representar papéis sociais (assador de peixes). Através das observações das interações entre as crianças e a professora da turma durante as brincadeiras de faz de conta, documentadas em vídeos, gravador digital e diário de campo, a pesquisadora define a brincadeira como um importante meio de as crianças se constituírem como sujeitos participantes de sua cultura. O resultados apresentam as seguintes interações entre as professoras e crianças: Criação das condições para a brincadeira - organização do espaço, tempo, grupos brinquedos e materiais; Intervenção direta da professora no processo de construção de significados durante as brincadeiras – observação, solução de conflitos através do diálogo e reflexão dos acontecimentos junto às crianças; Utilização da brincadeira como um instrumento para o ensino de um determinado conteúdo – observação das motivações das crianças, utilizando-as, em um outro momento (não durante a brincadeira de faz de conta) para ensinar a escrita, a leitura e demais saberes.

Em outro estudo, no mesmo lócus e mesmo período da pesquisa supracitada, Teixeira (2013) buscou discutir como se dá a relação cultura e subjetividade nas brincadeiras de faz de conta de crianças ribeirinhas da Amazônia. Norteadas pela Teoria Histórico Cultural, concebe a cultura (conjunto das produções humanas, relacionado ao caráter duplamente instrumental, técnico e simbólico, da atividade humana) e a subjetividade (produção psíquica, inseparável dos contextos histórico-culturais) como uma unidade dialética.

Teixeira (2013) caracteriza a Amazônia como possuidora de dois espaços culturais: urbano – cidades de médio porte e capitais; e rural – ribeirinhos etc., chamando atenção para a variedade de crianças ribeirinhas, caiçaras, das cidades, assentadas, quilombolas e extrativistas. A produção de dados ocorreu em dois ambientes: nas casas das crianças selecionadas para a pesquisa, através de entrevistas com os responsáveis e da observação das crianças no ambiente doméstico; e no cotidiano pedagógico, na turma de Educação Infantil, através dos registros em vídeos, áudios e anotações em diário de campo sobre as brincadeiras. Com base na análise



microgenética, organizou-se os dados produzidos em episódios distribuídos entre quatro modalidades: significados sobre o mundo, sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a relação eu-outro. Em síntese, os resultados mostram que a brincadeira possibilita à criança tomar “[...] consciência cada vez mais abrangente de seus contextos, de si mesma, dos outros e de suas relações com eles e a participar, de formas cada vez mais diferenciadas, do processo de construção da sua subjetividade e da sua cultura.” (TEIXEIRA, 2013, p. 13).

Com base nessa pesquisa, no período investigado, foram poucas as experiências reflexivas que evidenciaram a importância da brincadeira de faz de conta para o desenvolvimento das crianças do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins e demais estados que compõe a Amazônia Legal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação brasileira está exposta, de forma cada vez mais evidente, à falta de incentivo as atividades que promovam a reflexão sobre os acontecimentos cotidianos. Discussões educacionais recentes desfiguram a gratuidade do ensino público, além da desvalorização de disciplinas curriculares que fomentam o pensamento sobre a sociedade, dentre as quais destaca-se a arte, a filosofia e a sociologia. Ao encontro desses fatos, as pesquisas levantadas mostram que esse problema existe, também, na educação infantil, quando as crianças são privadas de exercer sua autonomia e criatividade; quando não lhes permitem brincar e refletir sobre o meio em que vivem; quando não são ouvidas e respeitadas em suas necessidades de desenvolvimento.

Segundo as pesquisas destacadas nesse estudo a brincadeira de faz de conta não se efetiva como prática cotidiana/diária na escola da infância, sendo atividade de segundo plano em que as crianças brincam se concluírem as atividades elaboradas pelo professor, especialmente as que envolvem leitura e escrita, e se obedecerem às regras. Há, também, predominância de um modelo de ensino autoritário e disciplinador que se potencializa diante da aproximação da pré-escola do ensino fundamental, com vistas a um desenvolvimento produtivista ligado ao capitalismo. (LIMA; RODRIGUES, 2016; MACÊDO, 2014; MARCOLINO, 2017; SANTOS, 2014; SILVA, 2013).

Assim, existe uma tensão que desrespeita os processos pelos quais a criança deveria percorrer antes de chegar à atividade de estudo. Elas agem e operam, desenvolvendo interesses por atividades mecânicas e descontextualizadas, por não lhes permitirem usufruir do seu direito de brincar.

Faz-se necessário garantir às pessoas, desde pequeninas, o direito de refletir sobre as coisas que lhe acontecem no cotidiano. Para isso, tempo, planejamento, incentivo, enriquecimento do contexto educativo com variados objetos da cultura é fundamental, sendo o professor (a) e pessoas mais experientes responsáveis pelo processo de criação de situações sociais de desenvolvimento infantil.



Este estudo evidencia a importância de pensar em uma educação infantil que prime pelo desenvolvimento da personalidade, das capacidades psíquicas superiores e que situe a brincadeira de faz de conta como a atividade que mais promove o desenvolvimento das crianças. (VIGOSTKI, 2008, 2009). Revela, também, que a brincadeira de faz de conta de papéis sociais é uma necessidade da criança em idade pré-escolar, por isso, precisa ocupar um lugar de destaque nos ambientes escolares e não escolares, de forma intencional e planejada.

No período de 2010 a 2016, foram publicadas 91 pesquisas no GT 07 da ANPEd, destas, apenas duas foram efetivadas no contexto amazônico. No banco de dados da CAPES somente uma estudou a brincadeira de faz-de-conta concebendo a realidade da Amazônia, especificamente em uma comunidade indígena. No site da Scielo não foram encontrados registros recentes. Assim, a evidenciação científico-acadêmica dessa atividade no contexto amazônico, mostra-se essencial, pois nela a criança representa criativamente as particularidades do meio e as relações humanas nele estabelecidas.

Para finalizar, a realização do levantamento de dados sobre a brincadeira de faz de conta de papéis sociais subsidiou reflexões teórico-metodológicas no desenvolvimento da pesquisa de mestrado, que se espelhou nas formas de registro e análise microgenética citadas por Teixeira (2012, 2013), Bagarollo, Ribeiro e Panhoca (2013).

REFERÊNCIAS

ALVES, P. P. **O papel do jogo nos processos de aprendizagem de crianças hospitalizadas**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2015. Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Instituto de Educação e Biblioteca Central / IE / UFMT. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2853838. Acesso em: 21 nov. 2016.

BAGAROLLO, M. F.; RIBEIRO, V. V.; PANHOCA, I. O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 19, n. 1, p. 107-120, mar. 2013. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 jun. 2016.

BRAGAGNOLO, R. I.; RIVERO, A. S.; WAGNER, Z. T. Entre Meninos e meninas, lobos, carrinhos e bonecas: a brincadeira em um contexto da educação infantil. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia, GO. **Anais [...]**. Goiânia, GO: NDI/CED/UFSC, 2013, Disponível em:

http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt07_trabalhos_pdfs/gt07_3157_texto.pdf. Acesso em: 21 nov. 2016.



BRASIL. Ministério da Educação/ Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica. RESOLUÇÃO N. 5, de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: 2009.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F. **Critérios para um atendimento em creches que respeitem os direitos fundamentais das crianças**. 6. ed. Brasília: MEC/SEB 2009.

CONCEIÇÃO, M. R. **Fantasia e realidade: o faz de conta e o contexto da criança**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19072010-123155/>. Acesso em: 31 maio 2016.

CORDEIRO, Z. A. **Brincadeira de mamãe: subjetividades entrelaçadas**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2013. Biblioteca Depositária: UNISUL. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=228659. Acesso em: 21 nov. 2016.

DUARTE, C. T. **Relações educativas no brincar na educação infantil e no ensino fundamental: construção de identidades e autonomia em crianças**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BCo/UFSCar. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2878876. Acesso em: 21 nov. 2016.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

GARCIA-SCHINZARI, N. R. **Análise do brincar de faz de conta de crianças pré-escolares com câncer**. 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde Pública) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-07012015-152532/>. Acesso em: 31 maio 2016.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKI, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução: Maria da Penha Villalobos. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006a.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução: Maria da Penha Villalobos. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006b.

LIMA, G. de A.; RODRIGUES, A. F. **Brincadeiras e interações na educação infantil em uma escola particular de Santarém-Pará**. 2016. Monografia (Especialização em Docência na Educação infantil) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação, Santarém, PA, 2016.



MACÊDO, L. C. de. **A infância resiste à pré-escola?** 2014. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPB. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2227288. Acesso em: 21 nov. 2016.

MARCOLINO, S.; BARROS, F. C. O. M. de.; MELLO, S. A. A teoria do jogo de Elkonin e a educação infantil. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 97-104, jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8572014000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2016.

MARCOLINO, S.; MELLO, S. A. Temas das brincadeiras de papéis na educação infantil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 457-472, jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200457&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 jun. 2016.

MARCOLINO, S. Brincadeiras de papéis na escola da infância. *In*: COSTA, S. A. da.; MELLO, S. A. (org.). **Teoria histórico-cultural na educação infantil**: conversando com professoras e professores. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2017.

MARQUES, F. M.; SPERB, T. M. A escola de educação infantil na perspectiva das crianças. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 414-421, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000200022&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 jun. 2016.

MAYNART, R. da. C.; HADDAD, L. A compreensão das relações de parentesco pelas crianças na brincadeira de faz de conta em contexto de Educação Infantil. REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 35., 2012, Porto de Galinhas, PE. **Anais [...]**. Porto de Galinhas, PE, 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT07%20Trabalhos/GT07-2066_int.pdf. Acesso em: 21 nov. 2016.

MOREIRA, T. A. **Imaginação e protagonismo na educação infantil**: estreitando os vínculos entre adultos e crianças. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2014. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1650738. Acesso em: 21 nov. 2016.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PICCOLO, G. M. Educação infantil: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 205-221, mar. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 jun. 2016.



PINHEIRO, I. de. M. **O brincar da criança indígena Sateré-Mawé: elo entre a socialização e a formação cultural.** 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3561507. Acesso em: 21 nov. 2016.

PRESTES, Z. R. **Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil - repercussões no campo educacional.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RIVERO, A. S. **O brincar e a constituição social das crianças e de suas infâncias em um contexto de educação infantil.** 2015. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Biblioteca Depositária: BU. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2404986. Acesso em: 21 nov. 2016.

ROMANELLI, N. **Individuação e escolarização de crianças de 0 a 5 anos: um cenário dinâmico no palco da abordagem histórico-cultural.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-06072011-100943/>. Acesso em: 01 jun. 2016.

SANTOS, A. K.; DIAS, Á. M. Comportamentos lúdicos entre crianças do nordeste do Brasil: categorização de brincadeiras. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 4, p. 585-594, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 jun. 2016.

SANTOS, T. R. L. **Crianças e infâncias: um olhar de azul para os trabalhos apresentados no GT07 da ANPED.** 2014. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1417687. Acesso em: 21 nov. 2016.

SILVA, E. A. da. **O jogo na perspectiva da teoria histórico-cultural na educação infantil de Cuba.** 2010, 121 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2010. Disponível em: http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90196/silva_ea_me_prud.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 21 nov. 2016.

SILVA, J. R. A brincadeira na educação infantil (3 a 5 anos): uma experiência de pesquisa e intervenção. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 47, p. 340, mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000100020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2016.

SOUZA, F. F. de; SILVA, D. N. H. O corpo que brinca: recursos simbólicos na brincadeira de crianças surdas. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 705-712, dez. 2010. Disponível em:



http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000400006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2016.

TEIXEIRA, S. R. A mediação de uma professora de educação infantil nas brincadeiras de faz de conta de crianças ribeirinhas. REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 35., 2012, Porto de Galinhas, PE. **Anais** [...]. Porto de Galinhas, PE, 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT07%20Trabalhos/GT07-2078_int.pdf. Acesso em: 21 nov. 2016.

TEIXEIRA, S. R. A relação cultura e subjetividade nas brincadeiras de faz de conta de crianças ribeirinhas da Amazônia. REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia, GO. **Anais** [...]. Goiânia, GO, 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt07_trabalhos_pdfs/gt07_3369_texto.pdf. Acesso em: 21 nov. 2016.

TEIXEIRA, S. R.; BARCA, A. P. de. A. Teoria histórico-cultural e educação infantil: concepções para orientar o pensar e o agir docentes. *In*: COSTA, S. A. da.; MELLO, S. A. (org.). **Teoria histórico-cultural na educação infantil: conversando com professoras e professores**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2017.

VARGAS, V. A. **Linguagens Infantis**: as influências vividas nos momentos do brincar na educação infantil. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015. Biblioteca Depositária: FURG. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2580958. Acesso em: 21 nov. 2016.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e o seu papel social no desenvolvimento psíquico da criança**. Tradução: Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, nº 11, julho de 2008. Disponível em: <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgs11.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2016.

VIGOTSKI, L. S. El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. *In*: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas - Tomo III**. Madrid: Visor DIS., S. A, 1995/2000a. p. 11-46.

VIGOTSKI, L. S. El significado histórico de la crisis de la psicología: una investigación metodológica. *In*: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas - Tomo I**. Madrid: Visor DIS., S. A, 1997. p. 259-407.

VIGOTSKI, L. S. Método de investigación. *In*: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas - Tomo III**. Madrid: Visor DIS., S. A, 1995/2000b. p. 47-96.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. Tradução: Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010.



Notas

¹ Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Doutoranda em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Contato: gessica.ufpa@gmail.com

² Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Contato: sinaraacs@hotmail.com

³ O termo iminente, usado em substituição ao termo proximal, será utilizado ao longo deste trabalho conforme as traduções de Prestes (2010).

⁴ Nesse trabalho utiliza-se os termos **brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais** ou **jogo de faz-de-conta de papéis sociais** como sinônimos. Elkonin (2009), baseado em Vigotski, considera o jogo protagonizado como atividade-guia do desenvolvimento da criança pré-escolar, o que permite concluir que o autor se refere a brincadeira de faz-de-conta. Por haver na literatura diversos conceitos sobre o termo jogo e brincadeira, optou-se por pesquisar ambas as palavras (brincadeira e jogo), a fim de alcançar resultados mais abrangentes nas buscas.

⁵ Vigotski não se refere, em nenhum dos trabalhos dedicados aos estudos da zona de desenvolvimento iminente, a que tivemos acesso, ao nível potencial de desenvolvimento. Para ele, as atividades realizadas pela criança em colaboração criam possibilidades para o desenvolvimento; ele não fala de nível potencial, pois, entende que nada está pré-determinado na criança, há muitos outros aspectos envolvidos para que os processos internos sejam despertados para a vida por meio das atividades-guia. O que existe é um campo de possibilidades para o desenvolvimento das funções psicológicas na atividade guia. (PRESTES, 2010, p. 174).

⁶ Representa a dialética existente entre as atividades da criança, a orientação do adulto e a intencionalidade pedagógica. “Uma atividade que faz parte do meio educativo organizado por nós, professoras e professores, juntamente com nossas crianças, atividade que é orientada por uma pessoa mais experiente, e que pressupõe a participação ativa da criança na organização e na execução da atividade” (TEIXEIRA, BARCA, 2017, p. 36-38).